

Voltando à carga

Voltamos à carga, para falar dessa Caridade que o egoísmo dos homens deturpou, e a avareza de muitos prostituiu de tal maneira que tantas almas sedentas de justiça a repelem como se fosse uma injustiça. A aberração é tamanha como se re pudiassemos a Verdade porque a julgávamos mentira. Não podemos suportar por mais tempo o equívoco. Toda a nossa alma se revolta, e nada nos interessa que nos chamem ou não revoltados.

Nós acreditamos em Cristo. Ora a essência da sua doutrina resume-se numa só palavra: *fraternidade*.

«Vós sereis meus amigos se fizerdes aquilo que vos mando... Ora o que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros» (Ev. de S. João XV, 12-17). E, momentos antes de partir para o voluntário sacrifício da sua vida, na mais impressionante doação que jámais se fez sobre a terra, pediu que aqueles que haveriam de acreditar n'Ele fossem um, se aperfeiçoassem na *unidade*, para se consumarem nela, à imagem e semelhança de Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança.

A Caridade é esta fraternidade, consumada na unidade. O cristianismo é todo ele, fraternidade e unidade. Se o não for, não é cristianismo.

Ora a fraternidade ou é palavra óca ou então reclama doação de cada um pelos seus irmãos, numa comunidade de vida e de sentimentos de tal maneira radical, que possa dizer-se não haver mais entre os cristãos «nem judeu nem grego, nem servo nem livre, nem homem nem mulher, porque todos nós somos um só em Cristo» (S. Paulo — Gal, III, 28-29).

A nossa Fé é esta. E esta nos leva a considerar pecado, o grande pecado do mundo, qualquer atentado contra a comunidade, ou contra a honra, a dignidade, a liberdade dos homens, nossos irmãos. A exploração organizada do proletariado, a incúria da comunidade pela sorte das crianças que não poderão nunca vir a ser plenamente homens, a distinção impressionante de categorias sociais escalonadas não pelo serviço que prestam à comunidade, mas pelo ouro que possuem, o orgulho individual ou social que atrai a lama do desprezo ou da indiferença sobre os que sofrem, o abandono em que deixamos as famílias pobres, a luta pelo predomínio económico, pela hegemonia política ou pelo imperialismo internacional, aparecem à luz do cristianismo como hediondas aberrações e crimes de lesa-divindade. «Pecando contra os teus irmãos, ferindo a sua consciência ainda fraca, escreve S. Paulo, é contra Cristo que tu pecas».

Ainda hoje recebi uma carta de uma escritora não inteiramente cristã que me diz: «creia que o meu reconhecimento será eterno pelas palavras de conforto que me mandou — e digo eterno, porque não estou habituada, desde que preciso, a encontrar seja quem for que entenda o que é Caridade!»

De facto, não há quem entenda. Por isso uns a mancham com egoísmo e outros a repelem com orgulho. No entanto, nunca como hoje, o mundo chama por ela, e tem fome dela.

Malraux escreveu um dia: «Não existe senão uma resposta à condição humana: é o catolicismo, mas eu não acredito nele». Talvez acreditasse, se a Caridade não fosse, na boca de muitos, as migalhas de pão que se atiram com sobranceira sobre a miséria que nada mais pede do que espírito de fraternidade.

O mundo cansado de guerras, de lutas políticas de mercados negros, de egoísmos, de explorações, de injustiças de economias individualistas, de desigualdades, de fariseísmos, pede, em altos gritos, paz na unidade. Quem lhe há-de dar senão o espírito de Cristo, no integral cumprimento do seu preceito de amor fraterno?

Bastará a justiça? Mas a justiça, nua e crua, é fria como a morte. Não pode bastar quando se anseia pela vida, pela ascensão perene da humanidade para a sua unidade no Amor

entre todos os povos e continentes e nações.

São as almas dos pobres as que vibram mais fortemente ao ideal da Fraternidade, talvez por isso mesmo que são pobres. E' delas sobretudo que há-de vir a salvação, e de quantos acreditarem na bem-aventurança da renúncia aos bens deste mundo.

Escreveu um Padre operário da «Canliene» de Paris estas palavras: «A revelação divina à humanidade terminou, no Apocalipse, por um imenso cântico de marcha para a Unidade pela vitória de Cristo».

E' preciso retomar esse cântico, ensiná-lo às massas trabalhadoras, aos intelectuais de todo o mundo, às almas sedentas de paz, para que a humanidade reencontre de novo o seu caminho da Fraternidade cristã.

Quando se ouvirem outra vez os apaixonantes acordes desse cântico de amor, não creio que mais ninguém seja capaz, se tem a alma lavada, de chamar nomes feios à mais bela e criadora das virtudes que podem habitar o coração humano.

ABEL VARZIM.

JN

15/xii/1926